

Quantos anos tem isso? Vinte, mais de vinte? Foi no princípio da década de cinquenta ou no final dos anos quarenta, por aí. Trouxeram da selva, para o Rio, uma pobre índia chamada Diacuí. Grande parte dos nossos leitores, certamente, jamais ouviu falar dela. Era uma índia atarracada, um olho muito puro, um jeito assustado, como um bichinho. Cintura grossa, pernas curtas e sólidas. Diacuí não sabia uma só palavra de português. Na verdade, não sabia o que estava se passando em sua volta. Trouxeram a índia do meio do mato para se casar com um branco, aqui no asfalto, na Candelária, se não me falha a memória, vestida de branco, de véu e grinalda. Uma fantástica promoção jornalística. A fotografia de Diacuí, na página da revista, vestida de noiva, o rosto suado, o olhar de pânico, a boca rasgada num esgar, esmagada pela multidão de casaca, eu nunca esqueci. Acho que aquela foto é o símbolo exato do desrespeito e do desamor que o ser humano tem pelo outro, nos tempos que correm. Diacuí morreu um ano depois do casamento. Nunca mais se falou dela. Mas, o que Diacuí vendeu de jornal e revista, vocês não podem imaginar! Agora, os jornais começam a falar de Mário Juruna. Os tempos mudaram menos do que nós pensamos. Muito menos. Mário Juruna não é um bichinho acuado, como Diacuí. É uma personalidade insondável. Mas, é um índio. E, por mais mitificado que seja pela nossa fantasia de leitores de Karl May ou de José de Alencar, pela nossa admiração transferidora por Cochise, Touro Sentado ou Jimmy Thorpe, ele é apenas um índio indefeso. Um índio, munido do seu gravadorzinho - uma arma que ele pensa que sabe usar - contra a incomensurável tecnologia da maldade humana. Antes, portanto, que ele seja transformado numa nova Diacuí, o Pasquim foi ouvi-lo, num trabalho do repórter Edilson Martins, que com ele esteve, por nós. Aqui está o que o Edilson ouviu do Juruna. Para que o leitor o entenda. Ou o devore. - (Ziraldo)



Fotos de EDILSON MARTINS

Mário Juruna sacando sua arma

Pasquim - Seu nome?
JURUNA - Mário Juruna. Tenho 37 anos. Não tenho carteira de identidade. Não tenho número. Tenho documento, mas não número.

Pasquim - E teus pais, quem eram?
JURUNA - Meu pai se chamava Boucécia. Em português chama Meireles.

Pasquim - É uma homenagem ao pai do Apoena? O velho Chico? Você conheceu?

JURUNA - Não. Tem boa vontade de conhecer. Morreu.

Pasquim - Você tem um tio que se chama Apoena

JURUNA - Tem. Tem dois Apoena em povo Xavante.

Pasquim - Nasceu aonde?

JURUNA - Em Couto Magalhães.

Pasquim - Você, você vem muitas vezes à cidade. Sempre traz pedidos para seu povo. Conta como são essas viagens.

JURUNA - Eu pensava aqui, que a gente podia conseguir alguma coisa. Aqui, Brasília, é cabeça do Brasil. Então eu pensava, que na cabeça do Brasil, as coisas se resolve na hora. E quanta coisa aprendo cada vez. E tudo sempre mais errado. Então a gente pensa; tem que ser devagar. E vou Palácio Planalto, e vou Ministério Interior, e vou Funai. Vou jornalista. É prá lá, é prá cá. Muito burocracia. Não sei como civilizado pode viver assim. Muito complicado. Então eu pergunto, peço, e não resolve nada.

Pasquim - Onde você vive com teu povo, na aldeia Nomucurá, no rio das Mortes, em Couto Magalhães, é bom?

JURUNA - Terra boa. Terra Pláina. Muito mata. Pouco bicho. Pouco peixe. Rio das Morte, a cachoeira da Fumaça não deixa peixe subir. Tem 20 metros de altura. Antes havia muito peixe, muito mato, muito ar puro. Índio vivia feliz. Corria, dançava, brincava, tudo farto.

Pasquim - E a sua volta? Vai levando boas notícias?

JURUNA - Levo notícia. Boas também. Mas não consegui nada. O que queria meu povo, não consegui. Onde vou conseguir? Me responda?

Pasquim - Você tava querendo munição, cobertores para umas viúvas, botinas, né?

JURUNA - Tava querendo pouca coisa. Seis caixas de sabonete, seis caixas de sabão, 25 pares botina, e três cobertores. Acabou.

Pasquim - Não conseguiu nada?

JURUNA - Como vou conseguir?

Pasquim - E sua infância, como foi?

JURUNA - Tem 10 irmãos. Mais de 10 irmãos. Tenho 15 irmão. Não sou mais velho. Sou muito novo. Tenho 37 anos.

Pasquim - Teus pais eram "capitães"?

JURUNA - Era. Meu pai era capitão. Meu avô se chamava Aksigra. Bataiadora. Minha avó chama Nhanghanghe- ra. Também bataiadora.

Pasquim - E a história do teu povo? Não quer escrever, contar prá alguém?

"Branco é pessoa muito triste. Talvez, por isso, ele faça tanto mal."

JURUNA - Podia ter. Tenho compromisso. Tamos treinando prá poder começar história dos Xavantes. Será primeira vez índio conta história dele mesmo, e não branco. Branco mente muito. Ih... como mente. Sei ler pouco, sei escrever pouco, mas sei história de meu povo. Como branco vai saber? No tempo do contato com branco, índio nunca pensava se branco era bom ou ruim. Só se aprende assim. Olha, vê, sofre. Só assim. Prá índio é assim. Só aprende com a cabeça e com o corpo. Fazendo.

Pasquim - E sua infância? muito mato, bicho, muito mergulho no rios, como foi?

JURUNA - Sou casado (Mário só responde ao que quer). Tenho única esposa. Há 22 anos. Meia dúzia filho. Dois homem. Resto tudo mulher.

Pasquim - A Funai, mais exatamente o General Ismarth de Araújo, afirmou que você vem aqui para fortalecer sua liderança junto à tribo. Há outra corrente disputando liderança xavante com você? Que você acha disso?

JURUNA - Eu nunca compreende

isso. Não dá prá compreender essas coisa de branco. Não compreende.

Pasquim - Entre nós, civilizados, isso é comum. Quer dizer, competir com o outro, querer o cargo do outro, é comum entre civilizados. Por isso essa pergunta. Entre índios, na tua aldeia, não existe isso?

JURUNA - É difícil. Difícil responder. Existe. Pode existir. Mas agora índio tem que lutar contra posseiro, contra branco, contra civilizado, contra invasão terra índio. Como então, agora, lutar entre índios? Isso era ante-

e dormindo muito bem. Todo mundo sabe. Só polícia não. Índio cada dia aprende mais com o branco. Teve dinheiro, pode fazer tudo.

Pasquim - E a reserva de vocês, tá garantida?

JURUNA - Tá sim. Tá demarcada. Funai nisso ajudou bastante. Presidente Ismarth, da Funai, se preocupa muito com índio. Tá demarcando o que pode. Por isso índio as vez discute com Presidente Ismarth, mas índio gosta dele. Sente que ele gosta de índio. Isso é bom. Agora caça não tem mais. Acabou tudo. Jogaram bomba no rio, derrubaram mata, tudo foi derrubado. Mas nossa aldeia ainda é boa.

Pasquim - Você ficou quase quatro anos fora de sua aldeia. Trabalhando em fazenda, tentando fazer serviço militar em São Luís do Maranhão, conhecendo Brasília, Rio, São Paulo. Foi bom isso?

JURUNA - Foi bom. Facilitou muito. Ficar dentro de aldeia a vida toda, que adianta? Era bom quando branco não ameaçava a gente. Agora não. Temos que conhecer como vive, como pensa, como faz branco. Não adiante fugir. Ficar dentro São Marcos, na aldeia, sem sair, é pior. Sempre vou cidade. Trago um, dois, três índio comigo. Não trago muito, não. Trago aos pouco. Vou ensinando, mostrando. Índio então fica abismado. Tudo diferente. E com medo. Índio não entende como tanta gente, e quase ninguém se fala. Todo o mundo de cara fechada. Triste. Cidade é muito triste. Índio fica triste também na cidade. Não conhece ninguém. E civilizado também não fala com outro nas ruas. Muito difícil. Mas então, índio vai aprendendo, vendo que branco mente muito, estuda prá enganar o outro. Mas índio fica triste, mas não pode deixar de saber disso. Só assim índio poderá conversar com branco, viver perto de branco. Conhecendo mundo de branco.

Pasquim - Então você acha impor-

1644

1644

UM BRASILEIRO CHAMADO JURUNA

JURUNA, O INDIO
QUE TROCOU O
TACAPE PELO GRAVADOR,
É UM CARA TÃO FORA DE
SÉRIE QUE JUSTIFICA O
CHAMADO "ESFORÇO DE RE-
PORTAGEM". O REPORTER
EDILSON MARTINS SE MAN-
TOU SÁBADO PASSADO PARA
BRASÍLIA E - DEPOIS DE MIL
PERIPECIAS - CONVENÇEU JURUNA
A NOS DAR UMA ENTREVISTA
EXCLUSIVA, MODESTA
A PARTE



tante levar todo esse sofrimento, essa experiência pró teu povo?

JURUNA - Então não é? Sem saber como branco é, branco pisa em cima de índio. Mas índio sabe como é branco. O contato é antigo. A gente sabe disso. Agora o que aprendemos? Índio tá acabando. Desde chegada de branco.

Pasquim - Você pensa em reunir todos os índios do Brasil? Bororo, Xavante, Guarani, tribos de Amazônia, Kaingang, Kokleng no Sul, tudo junto? Discutindo destino de vocês?

JURUNA - Tamo começando isso. (boceja)

Pasquim - Tá com sono, hem...?

JURUNA - Eu não tem sono. Dormi muito tarde. Tamo começando fazer contato com outras tribo. Prá poder ajudar outro. Fazer força junto. Vamos reunindo. Eu tinha viaje marcada prá Acre. Conhecer índio de lá. Conversar, mostrar o que acontece entre Xavante. Dia 2 de janeiro ia pró Acre. Tava marcado reunião com 102 chefe índio. Depois Funai proibiu tudo.

Funai dispensou.

Pasquim - Funai não deixou?

JURUNA - Vi no jorn.d. Prá mim não foi bom, não. Isso não deu alegria prá índio, não. Deu muita tristeza essa atitude Funai. Todo índio é irmão. Então nós tem direito de convidar outra tribo, de se reunir. Índio é assim, gosta disso, de receber, ser recebido. É muito bonito camaradagem de índio. Então fica triste quando Funai faz assim. Então a gente convida Carajá, Terena, Nhambiquara, recebe, discute, se abraça, todo muito bonito. Todo o pessoal que mora em Goiás. Então índio não tem esse direito? Pra índio isso é importante. Muito importante. Índio tá sabendo a vida do branco, e quer saber mais. Tá sabendo. A Funai. Sim, a Funai. Ela pode proibir a reunião dos Xavantes, com seus irmãos de outras nações? Prá mim não é justo. É reunião de índio. Não é crime. Não é roubo. A gente pode assistir, pode ver, pode escutar. Quem quiser. Até mesmo Funai. Então por que proibir? Índio não vem a cidade invadir terra de branco, matar branco, procurar mulher de branco. Por que branco faz isso com índio? E ainda não quer que índio se reúna. Índio não é escravo. Nunca foi índio é brasileiro. Verdadeiro brasileiro. Quando branco chegou aqui índio já existia, e recebeu branco muito bem, com festas, alegria no coração. Branco não soube ser recebido. Branco é pes-

soa muito triste. Talvez por isso ele faça tanto mal.

Pasquim - Um índio americano, e não brasileiro, mais índio como você, em 1855, chamado de Seattle, da tribo Duwamish, fez uma carta ao Presidente dos Estados Unidos, uma carta muito bonita. Ele respondia a uma proposta do Presidente dos Estados Unidos, o Presidente Geisel de lá, a respeito da compra das terras da reserva indígena. Ele disse, entre outras coisas bonitas, o seguinte: "Não há um lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera, ou o tinar das asas dos insetos. E que vida é aquela se um homem não pode ouvir a voz solitária do curiango, ou de noite, a conversa dos sapos em volta de um brejo? Mas talvez seja assim porque eu sou um selvagem que nada compreende."

JURUNA - O índio é um homem. Em qualquer parte do mundo o índio é homem. Índio vai dormir muito tarde. Acorda todo dia, bem cedo, e todo

JURUNA - Bom, uma parte de índio morreu matado. Outra parte doença. A gripe. Quando acontece já matava muito índio. Agora branco matou muito, também.

Pasquim - E os fazendeiros? Lutavam contra vocês?

JURUNA - Não. Não é fazendeiro. É posseiro. Posseiro é que mata. Agora precisa explicar isso. Fazendeiro é posseiro. Não é fazendeiro, não. É posseiro. Todo fazendeiro é posseiro. Como ganhou muitas terras virou fazendeiro. Mas é posseiro. Começou como posseiro. A terra era nossa. Posseiro tira documento, e vai pagando imposto, vai juntando mais dinheiro, ficando rico, compra gado, compra criação, vai aumentando a criação prá ele. Ele era então posseiro. Aos poucos vai virando fazendeiro. Isso dura anos. E vai passando de um pro outro. Então quando ele não tinha nada, era posseiro. Depois, com muitas posses, vira fazendeiro. Então fazendeiro é posseiro.

Pasquim - Os xavantes estão fugindo

rou mais de um ano. Foi triste. Todo o meu povo fugindo. Eu era um garoto pequeno, mas me lembro muito bem. Muito morreram. O que sobrou foi começando tudo de novo. Agora só na minha aldeia tem 130 índio. Nessa viagem tinha muito índio. Mais de mil índios. Morreu muito. Principalmente os velho, criança. Então Xavante de outras aldeia, Bororó, ou Sangradouro, visitava a gente. E aí trouxe doença do branco. Então morreu mais índio minha aldeia. Trouxe varicela, trouxe catapora, trouxe sarampa, já trouxe cachumba, já trouxe tosse, já trouxe tuberculose. Morreu muito Xavante aquele tempo. Quase acaba Xavante. Mais de mil Xavante. Mais de 1 mil e 500 Xavante. Doença foi muito mais forte que arma. Isso é verdade. Nessa caminhada de Batovi até rio das Morte - (uma distância de no mínimo uns 900 km de mata virgem e cerrada) - a gente começa a seis horas a andar. Andava o dia inteiro, fugindo dos brancos. À noite fazia tapir (casas), comia alguma caça que a gente matava de dia, e ia dormir. Sempre fugindo. Abandonamos roça, nossa maloca, nosso rio, tudo que Xavante tinha. Foi triste. Uns índio iam na frente, fazendo picada! Mulheres, criança, e velho iam atrás. Foi duro, muito duro prá índio Xavante, essa viagem. No rio das Morte Xavante chupava cana. Preparamos madeira, pau para atravessar rio das Morte. Então toda aldeia atravessou rio das Morte. Essa travessia durou meses, para preparar balsas. Foi demais. Aí parado procuramos amansar branco, mostrar a branco que índio não queria fazer mal a branco. Depois índio se acostumou doença de branco.

Pasquim - Como você se sente na cidade?

JURUNA - A gente fica espantado. Índio quando não tem conhecido na cidade fica mais difícil ainda. Quando têm conhecido é fácil. Povo da cidade trata índio bem. Depois ninguém pode tratar mal um Xavante. Um índio. Por que fazer isso? Não entendo. Índio gosta de branco, procura branco, admira branco.

Pasquim - Também Mário, você se impõe.

JURUNA - Tem muita gente falando mal. Agora eu explico. Todo mundo pede. Não é só índio que pede. Quando índio pede todo mundo condena. Quem não tem, pede. Quem não tem é justo pedir. É justo.

Pasquim - E as munições que você

"Eu comprei gravador, porque branco faz muita promessa. Depois, esquece tudo."

mundo vai tomar banho rio. As águas do rio da Morte ainda são muito limpa. Então a gente pode beber, com as próprias mãos, as água desse rio. Então índio vai dormir muito tarde. Fica conversando, trocando opinião, ouvindo, rindo, discutindo. Cinco horas da manhã, cada um vai prá seu serviço, sua roça, vai sempre fazer alguma coisa. Não se come nada de manhã. Os que leva comida prá roça, volta mais tarde. Os que não leva volta mais cedo. Meio-dia, duas hora, tá todo mundo em casa, descansando, conversando com a mulher, brincando com a criança. Lá na aldeia tem banana, feijão, mas passaro tão acabando, também lá. Só no tempo de verão tem muito passaro. Passaro faz parte da vida do índio. Todo o índio faz parte da natureza. Então é tudo muito bonito. Em 1960 havia 3 mil Xavante. Hoje é muito pouco Xavante. Não tem nem mil Xavante. Muita briga Xavante foi enfretando, neste último tempo.

Pasquim - Quem matou mais índio? As lutas com branco, ou as doenças que foram tendo?

há muito tempo dos civilizados, dos brancos?

JURUNA - Xavante antes, muito anos, morava nas cabeceiras do Xingu. No Kuleuene, no Batovi. A gente depois teve que andar até rio Araguaia, sempre fugindo dos brancos. E depois rio da Morte, onde estamos hoje. Então Xavante fugiu muito. Agora Xavante não pode fugir mais. Xavante tá cansado de fugir. No rio das Morte foi nós, índio, que atraíu branco. Branco tinha muito medo da gente. Então a gente procurou branco, sem flecha, sem borduna, com mulher e criança. Mesmo assim branco tinha medo da gente, mesmo depois da gente ter sido espulso da cabeceira do rio Xingu. Deu muito trabalho atrair branco. Branco sempre com medo. Foi uma luta amansar branco. Branco matou muito índio, até Xavante poder amansar branco. Nessa ocasião, fazendeiro defendeu índio. A caminhada do Xingu até o rio das Morte, em 1945, ou 1947, durou muito. Índio foi sendo empurrado pelo branco. Foi nessa caminhada que conheci o primeiro branco. Essa caminhada du-

queria levar, não conseguiu. Como está se sentindo?

JURUNA - Eu não acho nada. Deixa pra lá. Não tou aborrecido. Deixa pra lá. Não vou chorar porque eu não recebi. Possseio tem arma. Aqui mesmo na cidade, muita gente tem arma. Eu vejo. Todo mundo anda armado. Escondido. Com arma de fogo. E por que não pode dar bala pra índio, que vive no mató, que precisa de arma pra comer? Por que Funai faz isso? Tá todo pessoal com medo. Pensa que índio vai matar assim, sem mais ou menos. Índio não puxa arma à toa, não. Quant mata índio, então índio tem que defender. Não é certo? Índio nunca mata primeira. Na cidade morre muito mais, que no meio de índio. Índio não vive assim armado, no meio dos outros. Arma pra índio é pra caçar, pescar, e de defender. Nunca pra viver entre a gente armado. Dizem que índio é bravo, é perigoso. Não é. Índio defende suas terras, seus direitos, índio mata porque antes matou índio. Então índio enfrenta. E na cidade? Tanto que gente morre, tanto que gente é preso, tanto que gente pedindo esmola, na rua. Então índio não pode viver armado? Índio é perigoso? Índio é bravo? E branco? A gente na aldeia não tem nada disso, não. E ninguém fala mal de branco. Branco é sempre bom.

Pasquim - Mas briga uma aldeia contra outra, não?

JURUNA - Não. Naquele tempo, passado, brigava aldeia contra aldeia. Hoje, não. Índio tem que se unir, com índio, pra resistir a branco. Na aldeia é muito difícil, muito difícil, índio matar outro. Agora precisa pensar. Índio é bom, é generoso, índio é justo. Se índio fosse bravo, ruim, teria matado português todo quando chegou aqui. Mas índio não fez isso. Recebeu bem português, com presente, carinho. Se índio fosse ruim teria logo matado o Pedro (Pedro Álvares Cabral) e todos os outros. Se a gente tivesse agido assim ninguém tomava nossa país. Hoje país seria nosso. Essa país não é nosso mais. Então índio, que era dono dessa país, vivia aqui, era dono daqui, virou invasor. Agora, quem matou índio, quem derrubou floresta, quem matou as cotia, os veado, as anta, jogou bomba nos rio? Quem? (levantou-se e irritado continua falando, já agora muito alto). Branco fez tudo isso, e depois índio é que não presta, é bravo, e selvagem. Civilizado mente muito, e conta as

"Foi uma luta amansar branco"

história assim. Deforma tudo. É conversa fiada a história dos brancos.

Pasquim - Índio não é um selvagem, que sai pelo mató de borduna na mão, matando e esfolando, sem princípios, sem religião, destruindo as florestas, os rios, um verdadeiro bravo.

JURUNA - Índio usa borduna, usa arco, usa flecha, usa facão. Mas não sai matando assim, destruindo. Quando índio começa a falar, como eu tou fazendo, não presta. Índio bom, é índio que não fala, fica quieto, bonzinho. Tomando a bença de branco. Índio não é assim. Índio tem língua pra falar. Tem boca pra dizer as coisas que sente, que ele vê, que ele sofre. Tem olhos pra ver. Ouvidos pra escutar. Senão pra que valeria a pena ter olho, boca, ouvido? Índio tem língua e boca. E fala, e ouve. Pra que serve a cabeça, senão pra pensar? A cabeça vai pensar, a boca vai falar. A língua vai soando a conversa. E o olho? Vai vendo, inclusive as coisa errada. Índio tem que falar. Querem que índio não fale, não veja, não sinta. Então mata logo índio. Acaba com essa

Esta carta foi escrita, em 1855, por um índio norte-americano, de nome Seattle, cacique da tribo Duwamish. Ele dirigiu este documento - sim, um documento - ao então Presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce. É certamente o documento mais dramático

e desconcertante, no que diz respeito à ecologia, escrito naturalmente por quem nunca ouviu enunciar tal palavra. Penso que vale a pena comparar essas duas manifestações - Seattle e Mário Juruna - apesar de mais de um século separar esses dois momentos.

Edilson Martins

"O Grande Chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar a nossa terra. O Grande Chefe assegurou-nos também de sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não precisa da nossa amizade.

Vamos, porém, pensar em sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O Grande Chefe de Washington pode confiar no que o Chefe Seattle diz, com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas - elas não empalidecem.

Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia é-nos estranha. Se não somos da pureza do ar ou do resplendor da água, como então podes comprá-los?

Cada torrão desta terra é sagrado para meu povo. Cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e inseto e zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. A seiva que circula nas árvores carrega consigo as recordações do homem vermelho.

O homem branco esquece a sua terra natal, quando - depois de morto - vai vagar por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta formosa terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande água - são nossos irmãos. As cristas rochosas, os sumos das campinas, o calor que emana do corpo de um mustang, e o homem - todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o Grande Chefe

de Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, ele exige muito de nós. O Grande Chefe manda dizer que irá reservar para nós um lugar em que possamos viver confortavelmente. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto vamos considerar a tua oferta de comprar nossa terra. Mas não vai ser fácil, não. Porque esta terra é para nós sagrada.

Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais. Se te vendemos a terra, terás de lembrar que ela é sagrada e terás de ensinar a teus filhos que é sagrada e que cada reflexo espectral na água limpídamoslagos conta os eventos e as recordações da vida de meu povo. O rumoriar d'água é a voz do pai de meu pai.

Os rios são irmãos, eles apagam nossa sede. Os rios transportam nossas canções e alimentam nossos filhos. Se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar e ensinar a teus filhos que os rios são irmãos nossos e teus, e terás de dispensar aos rios a afabilidade que darias a um irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um lote de terra é igual a outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é sua irmã, mais sim sua inimiga, e depois de a conquistar, ele vai embora. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados, e nem se importa. Arrebatá a terra das mãos de seus filhos e não se importa. Ficam esquecidos a sepultura de seu pai e do direito do seus filhos à herança. Ele trata sua mãe - a terra e seu irmão - o céu como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelha ou miçanga cintilante.

Sua voracidade arruinará a terra, deixando para trás apenas um deserto.

Não sei. Nossos modos diferem dos teus. A vista de tuas cidades causa tormento aos olhos do homem vermelho. Mas talvez isto seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que de nada entende.

Não há um sequer lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o tinir das asas de um inseto. Mas talvez assim seja por ser eu um selvagem que nada compreende. O barulho parece apenas insultar os ouvidos. E que vida é aquela se um homem não pode ouvir a voz solitária do curiango ou, de noite, a conversa dos sapos em volta de um brejo? Sou um homem vermelho e nada compreendo. O índio prefere o sussuro do vento a sobrevoar a superfície de uma lagoa e o cheiro do próprio vento, purificado por uma chuva do meio-dia, ou recendendo a pinheiro.

O ar é precioso para o homem vermelho, porque todas as criaturas respiram em comum - os animais, as árvores, o homem. O homem branco parece não perceber o ar que respira. Como um moribundo em prolongada agonia, ele é insensível ao ar fétido. Mas se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar reparte seu espírito com toda a vida que ele sustenta. O vento que deu ao nosso bisavô o seu primeiro sopro de vida, também recebe o seu último suspiro. E se te vendermos nossa terra, deverás mantê-la reservada, feita santuário, como um lugar em que o próprio homem branco possa ir saborear o vento, adorado com a fragância das flores campestres.

Assim pois, vamos considerar tua oferta para comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, farei uma condição: O homem branco deve tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e desconheço que possa ser de outro jeito. Tenho visto milhares de bisões apodrecendo na pradaria, abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem em movimento. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante do que o bisão que (nós - os Índios) matamos apenas para o sustento de nossa vida.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, o homem, morreria de uma grande solidão de espírito. Porque tudo quanto acontece aos animais, logo acontece ao homem. Tudo está relacionado entre si.

Deves ensinar a teus filhos que o chão debaixo de seus pés são as cinzas de nossos antepassados. Para que tenham respeito ao país, conta a teus filhos que a riqueza da terra são as vidas da parentela nossa. Ensina a teus filhos o que temos ensinado aos nossos; que a terra é nossa mãe. Tudo quanto fere a terra - fere os filhos da terra. Se os homens cospem no chão, cospem sobre eles próprios.

De uma coisa sabemos: A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra. Disto temos certeza. Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si.

Tudo quanto agride à terra, agride os filhos da terra. Não foi o homem quem tecu a trama de vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo que ele fizer à trama, a si próprio fará.

bobagem de uma vez. A justiça do branco é a justiça dos grande. Justiça da importância. Justiça do dinheiro. A ganância do branco é que leva a briga. E a justiça fica sempre com quem tem dinheiro. Com saída de Van der Broocke meu coração ficou muito contente. Falei isso general Ismarth. Atual diretor DGO é (Departamento-Geral de Operações) amigo do Índio. Pelo meno parece. Vamo ver. Agora com a entrada de Gérson da Silva Alves no DGO eu ficar quieto. Não procurar mais jornal. Índio vai aguardar.

Gérson não é homem enjoado, é homem cabeça fria. Paciente. Também a gente gosta muito General Ismarth. É homem bom. Tem projeto na Funai pra demarcar toda terra de índio no Brasil. Muito bom. Índio não pode viver, sem terra. Vamos ajudar índio. Vamos fazer força ao lado do índio. Índio não pede muito, Índio quer apenas que branco não maltrate índio, não invada terra índio, respeite. Índio quer só isso. Nada mais. Mas branco vive cobiciando terra do índio, mulher do índio. Por que branco faz isso? É justo? É certo? Não é.

Pasquim - Agora com a posse do novo diretor do DGO você está satisfeito?

JURUNA - Tou, Francelino (Francelisio) era enjoado. Tenho gravação dele (emite um meio sorriso, primeiro e único numa convivência de dois dias).

Pasquim - E essa gravação, depois você mostrará na aldeia? Que vai fazer com ela?

JURUNA - Levo mesmo. Pasquim - Os outros xavantes, gostam de ouvir? Você terá que traduzir.

JURUNA - Vou mostrar tudo na tribo. Tudo. Vai até ter risada. Branco é gozado, gozado...

Pasquim - E os jornais, comprou? JURUNA - Não. Tem pessoa que me dá. Eu não compra não.

JURUNA - Sabe se Apoena vai assessor Presidente Funai?

Pasquim - Não sei. A gente tem que perguntar Apoena.

JURUNA - Apoena grande amigo índio. Ele, pai, tudo amigo Xavante. Nem ele, nem pai dele, sem ser enjoado.

JURUNA - É (solta um novo bocejo, mas garante que não está com sono, nem enfadado). Todo mundo vai mudar Funai. Se Poena for assessor Presidente pedir Poena ajudar a gente. Dizer presidente que índio gosta dele. Índio quer que ele mude toda Funai. Assim bom. A gente quer mudar tudo na Funai. DGO, SPI e não sei que que é, mudar tudo.

Pasquim - Essas siglas são difícil decorar, não é Mário?

(um longo silêncio. Juruna fica olhando em direção à janela. À sua frente uma neblina seca, aos poucos vai desaparecendo diante do Sol forte, que toma conta do Planalto Central nesta época do ano).

JURUNA - Tô com saudade de minha aldeia. Não tô levando tudo que esperava. É isso mesmo. Confuso mundo branco. Muita burocracia. Muita.

JURUNA - Que horas? Pasquim - Meio-dia.

JURUNA - Meio-dia? Tem compromisso Casa Ceará. Devia ter saído ante. Tinha sair ante. Tem compromisso pessoal do jornal. Amanhã (sábado passado) vou sair na Televisão. Às sete horas da noite.

Pasquim - Você teria alguma coisa, uma mensagem, pra, pra, pro povo, sei lá... recado.

JURUNA - Pro pessoal da cidade? Pasquim - Sim.

JURUNA - Pro pobre cidade é ruim. Pede esmola, passa fome. Pro rico cidade é bom. Carro, roupa nova, cigarro toda hora. Mas rico é pobre. Ah, é. Índio sabe que rico é triste. Só índio sabe. Branco não sabe. Por isso branco quer ser rico. Agora, gente pobre vive pior que nós. Hoje índio tá mais feliz. Hoje, temos terra do bororó, terra do Xavante. É grande vitória. Agora gene-

ral Ismarth (presidente Funai) tá lutando outra parte do Brasil pra índio ter terra garantida. É muita coisa. Tem muita nação de índio.

Pasquim - Conhece o Megaron? JURUNA - Não. Onde mora?

Pasquim - Megaron é índio Txucarramãe, do Xingu. Mora no Diauarum, no Xingu. Foi expulso do gabinete do Francelisio, como é que é?

JURUNA - Broocke. Pasquim - Sim, Broocke. Ele foi ex-

"Branco mente muito."

pulso do gabinete dele. Ele é um irmão seu. É txucarramãe. Mesma família sua. Fala língua gã, também.

JURUNA - Então porque ele não pode me botar fora também?

Pasquim - Também, você o gravou? JURUNA - Bom, ele não gostô. Ele queria acabar minha gravadora. Eu falei. Oia não. Não pode mexer não.

Pasquim - (risos) JURUNA - Mexe não. Essa é minha gravadora. Comprei. Ele continuou não gostando, reclamando. Eu continuei gravando, oiando ele. Bem nos oio. Ele falou que era autoridade. Eu então disse que não tinha nada a ver com isso. Isso de autoridade era questão dele. Falou, eu gravei. E o gravadora ficou lá, na minha bolsa, gravando, ele reclamando.

Pasquim - Você não larga esse gravador, não é Juruna? É sua arma. Dizia-mos ontem que você é o melhor repórter brasileiro. O mais indiscreto e decisivo. Ninguém pode desmentir seu trabalho. É o seu arco e

flecha no mundo das promessas dos civilizados, não?

JURUNA - Eu comprei pra isso. Branco faz muita promessa. Esquece tudo logo. E índio não podia provar. Quem vai me proibir assim? Então não fala comigo. Falô, gravô. Todo branco devia ter gravadora assim. Mas civilizado é bobo. Tem coisa boa e não usa.

JURUNA - Sô índio, sô verdadeiro brasileiro. Sei disso. Não matei, não roubei. Então posso usar gravadora. Por que não aceitar essa gravadora? Gente ter medo gravadora, é gente papo furado, de duas conversa. Três conversa. Gente assim não quer saber gravadora.

Pasquim - Você fala que é brasileiro de verdade, porque vocês, antes de nós civilizados, já viviam aqui no Brasil.

JURUNA - Antes, muito antes. (estala o polegar com o indicador várias vezes) Eu acho branco era escravo do índio. Minha opinião. Como é que a gente agora troca, o índio escravo do branco? O branco não era escravo do índio? Ele não conhecia a terra. Não sabia lidar com nada. Nem com rio, nem com peixe, nem com mata, nem com bicho. Então era escravo do índio. Dependia do índio.

JURUNA - (Um novo silêncio, demorado. Olha pra janela, na direção do Horizonte). Invasores, quem era? Quem é? Branco.

Pasquim - Certo. Vocês estavam aqui, tinham chegado primeiro, certo?

JURUNA - Quando branco chegou, índio era muito, muito e branco pouco. Então eu se tivesse nessa tempo, não deixava branco crescer muito.

Pasquim - Não concordo. Você não saberia se branco iria destruir vocês.

JURUNA - Pera aí. Eu sei tudo história do Xavante. Mais que você. Quando branco chegou aqui índio sabia do ouro, conhecia onde existia ouro, sabia tratar o ouro. Sabia tratar a terra, o mato, os rio. Então o índio, porque ele é generoso, também, indicou ouro e diamante pra branco. Pra índio não tinha valor. Mas pra branco tinha. Depois o Pedro (Pedro Álvares Cabral) voltou. E depois veio mais pessoa. Muito gente, pra poder chegar aqui. Então índio no início tratou toda gente com carinho. Durante muito tempo índio ficou ensinando tudo isso pra branco, com carinho. (De Brown conta, em Enterrem meu Coração na Curva do Rio, que esse mesmo compor-

"Todo branco devia ter gravador. Falô. Gravô!"

tamento ocorreu com o índio americano em relação ao inglês. Primeiros 50 anos viveram na tentativa do índio americano ensinar ao inglês lidar com a natureza. Eles pensavam que os ingleses eram ingênuos, quase crianças, e por isso jogavam bombas nos rio, derrubavam as árvores, atiravam nas espécies da fauna) Depois houve briga. E nunca mais acabaram, índio sendo sempre acabado por branco. E índio passou então a fugir sempre dos branco. Sempre fugindo. Antes índio vivia beira-mar. Mas teve que fugir. Sei história Xavante. Sou Xavante. Então branco mexeu com Xerente, mexeu com Bororo na Serra do Roncador, mexeu com Xavante no Batovi, no Araguaia, no Rio da Morte. Desde então índio ficou sempre rodando, como máquina. Índio morreu muito, mas índio matou muito branco também. Lá isso matou. Mas matou pouco.

Pasquim - Você tem arma?

JURUNA - Não. Tinha. Eu tinha revólver. Mande pra Cuiabá. Pra tro-

"Cidade é ruim porque ninguém se conhece. Ninguém sabe quem é pai, quem é mãe. Aqui ninguém se fala!"

car. Por 22 (espingarda). Arma de fogo é defesa de índio. Ando limpo assim. Acho melhor andar assim. Sem arma. (Na medida em que a entrevista prosseguia Juruna, já cansado, falava cada vez com mais dificuldade, errando bastante). Pode me matar. Tou brigando muito, então branco pode me matá. Sei disso. Pode me matar. Não tem importância.

(Começamos a fotografá-lo. O gravador ligado).

JURUNA - Podia parar. Tá gastando gravadora à toa.

(A conversa recomeça.)

JURUNA - Assessor de imprensa Funai, Gregório, quando eu fui lá ele reclamou. Disse, você tá abusando, tá gravando tudo, gravando conversa Presidente Funai, gravando conversa diretor Funai. É isso e aquilo, não pôde. Tá perturbando vida todo mundo, assim não pode, você vai se dar mal, e tal. Eu perguntei: por quê? Eu falei cala a boca, não mexe no meu gravador, não viu? O gravador é meu. Não é seu. E essa nossa conversa também tá sendo gravada, sabe?

Pasquim - (Gargalhada). Você é danado, hem...? Atacou novamente de gravador. As pessoas agora não ficam com medo? As autoridades principalmente, quando você aparece com esse seu gravador escondido?

JURUNA - É. A gente não pode falar. Fica calado. Agora com essa negócio de jornal piorou meu trabalho. Tem que agir com cuidado pra pessoal não ver gravadora.

Pasquim - Que marca é, o teu gravador?

(Ruído de carro andando em alta velocidade). Você gosta de cidade?

JURUNA - É ruim porque ninguém se conhece. Ninguém sabe quem é pai, quem é mãe, quem é avó. Aqui ninguém se fala. Muito ruim.

Pasquim - Tem muito padre na tua aldeia? Lá são os salesianos.

JURUNA - Sim. Tem o padre Miguel, Padre Luís. Gostam muito índio. Conhece o Padre Luís, aquele que foi diretor do Santa Terezinha?

Pasquim - Não.

JURUNA - Pois é. Muito bom aquele padre. Padre alegre.

Pasquim - Como se chama o nome da tua mulher?

JURUNA - Maria Luísa.

Pasquim - Ela tem tua idade?

JURUNA - Ele é mais que eu. É mais velha. Tem mais de 38 anos.

Pasquim - Quanto tempo vive com ela?

JURUNA - Vinte e dois anos.

Pasquim - Os 6 filhos que você tem é com ela?

JURUNA - Só com ela.

Pasquim - Poxa, Virgem Maria. Xavante não pode ter mais de uma mulher, não?

JURUNA - Acontece. Muito tempo antes acontece. Hoje é difícil.

Pasquim - Por quê?

JURUNA - Por que a gente, tá sobrando rapaz. Se gente casa com duas mulher, e os outros? Como fica?

Pasquim - Quem casa agora? É o Padre?

JURUNA - Não. Primeiro é o casamento com Xavante. Depois casa com Padre.

Pasquim - Como é o casamento com Xavante? Tem cerimônia?

JURUNA - Tem sim.

Pasquim - Como é que é?

JURUNA - É. Não vou explicar. É

muito complicado. Pra explicar. Até 19 anos índio não pode morar mulher. Tem primeiro que furar orelha.

JURUNA - A partir de 12 anos começa a separa índio da mãe. Então índio homem começa a morar separado. É muito educado, índio. Muito preparado.

Pasquim - Não é assim, casar de um momento para outro. Há toda uma preparação.

JURUNA - É muito difícil índio separar.

Pasquim - Você nunca teve outra esposa, outra mulher?

JURUNA - Não. A gente deve andar na linha. Senão a gente acaba maluco. Senão mulher não respeita a gente. Então não é autoridade, não é nada, é só marido besta. E sou brincalhon, com todo o mundo, na aldeia. Quando Sr. chegar no Rio, o Sr. abraçar dona Cariri?

Pasquim - Quem é dona Cariri?

JURUNA - Na casa do índio, na Ilha Governador.

Pasquim - Quem é ela?

JURUNA - Ela é diretora Casa do índio. Eu gosta muito dela. Cariri é boa. Alegre. (ruído de carro em movimento).

Pasquim - Estamos felizes. Juruna. Ficamos dois dias juntos, e você demonstrou a maior confiança na gente.

JURUNA - Por quê?

Pasquim - Conversamos esse tempo todo, e não vimos uma só vez você tentar gravar nada.

JURUNA - (Dando um meio sorriso) Você que pensa: (Liga o gravador e começam a surgir trechos diferentes das nossas conversas).



